



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES – VERSÃO DO ALUNO

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 3º bimestre do 9º ano

Eixo bimestral: **ROMANCE**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andreza Nora

Conteudistas

Fernanda Demier

Tânia Mikaela Roberto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013



TEXTO GERADOR

O Texto Gerador é um recorte da parte final do romance *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, que teve sua leitura iniciada no 1º ciclo deste bimestre. Neste fragmento, o personagem Professor lembra-se, saudosamente, da única mulher do grupo, Dora, que havia morrido recentemente. Em seguida, quando vários membros do grupo – Pedro Bala, João Grande, Zé Fuinha, Gato e Volta Seca – estão no trapiche, Professor anuncia que está de partida para o Rio de Janeiro.

VOCAÇÕES

Não havia passado muito tempo sobre a morte de Dora, a imagem da sua presença tão rápida e no entanto tão marcante, da sua morte também, ainda enchia de visões as noites do trapiche. Alguns, quando entravam, todavia, olhavam para o canto onde ela costumava sentar ao lado do Professor e de João Grande. Ainda com a esperança de encontrá-la. Fora um acontecimento sem explicação. Fora o totalmente inesperado na vida deles, o aparecimento de u'a mãe, de uma irmã. Motivo por que eles ainda a procuravam, apesar de terem visto o Querido-de-Deus a levar no seu saveiro para o fundo do mar. Só Pedro Bala não a procurava no trapiche. Procurava ver, no céu de tanta estrela, uma que tivesse longa e loira cabeleira.

Um dia Professor entrou no trapiche e não acendeu sua vela, não abriu um livro de histórias, não conversou. Para ele toda aquela vida tinha acabado desde que Dora fora levada pela febre. Quando ela viera, enchera o trapiche com sua presença. Para Professor tudo tinha uma nova significação. O trapiche ficara como a moldura de um quadro: ora os cabelos loiros caindo sobre Gato, que via sua mãe, ora os lábios que beijavam Zé Fuinha para ele dormir. Ou a boca que cantava cantigas de ninar.

(...)

Nesta noite Professor não acendeu vela, não abriu livro de história. Ficou calado quando João Grande veio para seu lado. Arrumava suas coisas numa trouxa. Quase tudo era livro. João Grande olhava sem dizer nada, mas compreendia muito, se bem todos dissessem que não havia negro mais burro que o negrinho João Grande. Mas quando

Pedro Bala chegou e sentou também a seu lado e lhe ofereceu um cigarro, Professor falou:

-- Vou embora, Bala...

-- Pra onde, mano?

Professor olhou o trapiche, os meninos que andavam, que riam, que se moviam como sombras entre os ratos:

-- Que adianta a vida da gente? Só pancada da polícia quando pegam a gente. Todo mundo diz que um dia pode mudar... Padre José Pedro, João de Adão, tu mesmo. Agora vou mudar a minha...

Pedro Bala não disse nada, mas a pergunta estava nos seus olhos. João Grande não perguntava nada, compreendia tudo.

-- Vou estudar com um pintor do Rio. Dr. Dantas, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus. Ele mandou dizer que me mandasse... Um dia vou mostrar como é a vida da gente... Faço o retrato de todo mundo... Tu falou uma vez, lembra? Pois faço...

A voz de Pedro Bala o animou:

-- Tu também vai ajudar a mudar a vida da gente...

-- Como? -- fez João Grande.

Professor também não entendeu. Tampouco Pedro Bala sabia explicar. Mas tinha confiança no Professor, nos quadros que ele faria na marca do ódio que ele levava no coração, na marca de amor à justiça e à liberdade que ele levava dentro de si. Não se vive inutilmente uma infância entre os Capitães da Areia. Mesmo quando depois se vai se um artista e não um ladrão, assassino ou malandro. Mas Pedro Bala não sabia explicar tudo isso. Apenas disse:

-- A gente nunca te esquece, mano... Tu lia história para gente, era o mais batuta da gente... O mais batuta...

Professor baixou a cabeça. João Grande se levantou, sua voz era um chamado, era um grito de despedida também:

-- Gentes! Gentes!

Vieram todos, ficaram em torno. João Grande estendeu os braços:

-- Gentes, Professor vai embora. Vai ser um pintor no Rio de Janeiro. Gentes, viva Professor!

O viva apertou o coração do menino. Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como a moldura de inúmeros quadros. Como quadros de uma fita de cinema. Vidas de luta e de coragem. De miséria também. Uma vontade de ficar. Mas que adiantava ficar? Se fosse, poderia ser de melhor ajuda. Mostraria aquelas vidas... Apertam sua mão, o abraçam. Volta Seca está triste, tão triste como se tivesse morrido um cangaceiro do grupo de Lampião.

Vocabulário:

Saveiro – Pequeno barco utilizado em travessias de curta distância.

Piteira – Pequena peça de metal ou madeira que se adapta a um cigarro ou charuto para fumar.

Cangaceiro – Palavra empregada principalmente para indicar o bando armado de Capitão Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que atuou na caatinga nordestina, entre 1920 e 1938, enfrentando tropas militares no combate ao latifúndio improdutivo e à miséria da região.

LEITURA

QUESTÃO 1

Neste fragmento do último capítulo do romance e mostra-se a tristeza dos meninos após a morte de Dora. No trecho, o grupo começa a se desfazer; e o primeiro que vai embora é o Professor, que se despede do grupo para ir estudar no Rio de Janeiro.

Considerando que o gênero textual “romance” – como outros textos narrativos – é composto por cinco elementos estruturais: *apresentação*, *complicação*, *clímax* e

desfecho, responda: Qual desses elementos melhor caracteriza o Texto Gerador? Justifique sua resposta.

QUESTÃO 2

Quando lemos uma história, nem sempre conhecemos os significados de todas as palavras utilizadas pelo autor. No entanto, isso não nos impede de entender o texto, já que o próprio contexto em que a palavra desconhecida está inserida pode nos dar pistas de seu sentido. Assim, observe a palavra destacada na passagem em seguida, tente compreender o seu significado a partir do contexto e responda:

-- A gente nunca te esquece, mano... Tu lia história para gente, era o mais **batuta** da gente... O mais **batuta**...

- a) O que você acha que a palavra “batuta” quer dizer?
- b) Como você chegou a essa conclusão?

QUESTÃO 3

Você já ouviu falar na expressão “ler nas entrelinhas”? Isso é o que, muitas vezes, fazemos quando lemos um texto e tiramos conclusões sobre o seu conteúdo a partir de “pistas” que são apresentadas pelo autor. Em outras palavras, fazemos “inferências” a partir das informações dadas no texto.

Pensando nisso, leia a passagem que menciona a chegada de Dora ao grupo dos “Capitães da Areia” e responda: O que se pode deduzir sobre essa personagem e sobre seu papel no grupo?

Fora o totalmente inesperado na vida deles, o aparecimento de uma mãe, de uma irmã.

QUESTÃO 4

Observe os dois trechos abaixo. O primeiro, retirado do romance *Capitães da Areia*, conta o que ocorreu quando a personagem Dora se juntou ao grupo de Pedro Bala. O segundo integra o conto indígena “Como nascem as estrelas do céu”, trabalhado no bimestre passado, e relata o momento em que os indiozinhos roubaram o milho de suas mães.

Trecho 1:

Quando ela viera, enchera o trapiche com sua presença. Para Professor tudo tinha uma nova significação. O trapiche ficara como a moldura de um quadro: ora os cabelos loiros caindo sobre Gato, que via sua mãe, ora os lábios que beijavam Zé Fuinha para ele dormir. Ou a boca que cantava cantigas de ninar.

Trecho 2:

Algumas índias foram colher milho para fazer pão para seus maridos.

Um indiozinho seguiu a mãe e, ao vê-las fazendo pão, roubou um monte de milho.

Chamou seus amigos, e foram pedir para a avó fazer pão para eles também.

Compare a apresentação de Dora, personagem do romance, à apresentação do indiozinho, personagem do conto, e responda: Em qual dos dois textos, a personagem é apresentada de maneira mais aprofundada? Justifique sua resposta destacando e comentando os dois fragmentos.

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Observe estas duas passagens em que aparece o verbo “dizer”:

Quadro 1:

Mas Pedro Bala não sabia explicar tudo isso. Apenas *disse*:
-- A gente nunca te esquece, mano...

Quadro 2:

Todo mundo *diz* que um dia pode mudar...

Considerando a apresentação das falas dos personagens pelo uso do verbo “dizer”, explique: Entre as duas passagens apresentadas, qual é a diferença em relação ao tipo de discurso (direto ou indireto)?

QUESTÃO 6

Observe o quadro:

Professor falou:

-- Vou embora, Bala...

A forma correta de reescrever a passagem do quadro no discurso indireto é:

- (a) Professor falou para Bala que iria embora.
- (b) Professor falou para Bala que vou embora.
- (c) Professor falou para Bala que vai embora.
- (d) Professor falou para Bala que ia embora.
- (e) Professor falou para Bala que irá embora.

QUESTÃO 7

Observe a passagem abaixo, que apresenta o momento em que o Professor pensa a respeito do seu futuro, refletindo se deve ficar com o grupo de Pedro Bala ou partir para o Rio de Janeiro.

Uma vontade de ficar. Mas que adiantava ficar? Se fosse, poderia ser de melhor ajuda. Mostraria aquelas vidas...

Na passagem assinalada, o uso do verbo no subjuntivo, associado ao conector “se”, expressa uma ideia de:

- (a) conclusão
- (b) condição
- (c) finalidade
- (d) proporção
- (e) tempo

PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 8

Ao longo deste bimestre, o romance *Capitães da Areia* foi lido, e o resumo de seus capítulos foi elaborado pela turma. Agora, vocês já têm um bom conhecimento de toda a história de Pedro Bala e seu grupo. Considerando o resumo da narrativa integral, procure, em grupo, registrar, de forma organizada e esquemática, os seguintes itens relacionados ao romance lido:

- a) tema;
- b) foco narrativo (1º pessoa ou 3º pessoa);
- c) época;
- d) lugar;
- e) personagens;
- f) conflito;
- g) desfecho.

Feito isso, proponha a alteração de um dos itens e justifique sua escolha diante do grupo, escolhendo um colega que possa propor outra alteração. Siga, então, nessa dinâmica, até que todos os itens listados acima tenham sido alterados. Depois de todos os itens alterados, elabore, em grupo, uma narrativa com base nas novas informações.

TEXTO COMPLEMENTAR

O Texto Complementar é um editorial do jornal *Correio Web*, publicado em Brasília. Neste material, o jornalista registra seu descontentamento diante do crescente número de meninos de rua que vem ocupando as calçadas e sinais do Distrito Federal. Ele também apresenta as possíveis razões para esse problema e exige providências das autoridades e uma postura diferente dos cidadãos.

REALIDADE NUA E CRUA DOS MENINOS DE RUA

O correio web, Brasília, evidenciou uma triste realidade que permeia todo o cenário brasileiro. Trata-se da crescente ocupação de calçadas, sinaleiras e outros pontos específicos da cidade por meninos com faixa etária inferior a maioridade.

Muitas das vezes essas crianças são vítimas provenientes de família destruída pelos vícios, brigas conjugais, violência diversas em seus lares, de abandonos, fatalidades anteriores que acabaram levando seus únicos familiares ou pessoas próximas, e outros casos mais específicos cuja única saída, ou melhor, possibilidade deixada, foi viver na dependência de si própria.

Essas crianças, por não terem qualquer perspectiva de como dar seguimento a sua vida, pelo fato de não possuírem casa, família, condição financeira viável, assistência assídua dos órgãos governamentais, veem na rua a única opção de moradia, alimentação e desenvolvimento cultural a seu alcance.

Esses meninos que encontramos nas ruas são crianças denominadas “meninos de ruas”, pois as calçadas e sinaleiras são os lugares onde todas as suas atividades e necessidades humanas são operadas cotidianamente. Esses seres humanos que observamos no nosso dia-dia, excluídos do resto da sociedade, nascem como qualquer outra criança: cheia de vitalidade, alegria, grandes sonhos, enfim, como todas as outras. Apesar de não possuírem o mínimo de dignidade, conseguem sobreviver e trilhar um caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria.

É incerto o dia seguinte desses meninos e meninas, uma vez que sua alimentação, segurança, enfim, suas necessidades não lhes estão garantidas. Sendo assim, pensar em solucionar essa problemática não é apenas ter vontade de assim fazer, mas rasgar as mangas e “meter a mão na massa”. Um exemplo de contribuição mínima da sociedade é mudar a forma de ver essas crianças e, conseqüentemente, transformar a reflexão de como punir mais severamente para uma reflexão de como contribuir para a resolução desse mal que atinge a parcela mais importante da sociedade, que são as crianças.

Disponível em: <http://asmjornalismo.wordpress.com/2007/08/28/realidade-nua-e-crua-dos-meninos-de-rua/> Acesso em 15 de jul. de 2012. (Texto adaptado)

LEITURA

QUESTÃO 9

O Texto Complementar aborda a realidade dos meninos de rua na capital do nosso país. Com base na passagem destacada no quadro, identifique a opção que melhor descreve a maneira como o jornalista vê essas crianças.

Muitas das vezes essas crianças são vítimas provenientes de família destruída pelos vícios, brigas conjugais, violência diversas em seus lares, de abandonos, fatalidades anteriores que acabaram levando seus únicos familiares ou pessoas próximas, e outros casos mais específicos cuja única saída, ou melhor, possibilidade deixada, foi viver na dependência de si própria.

- (a) Adolescentes honestos que querem trabalhar.
- (b) Crianças que possuem problemas com drogas.
- (c) Garotos que buscam sua independência financeira.
- (d) Jovens inocentes, que estão nas ruas por culpa da sociedade.
- (e) Pequenos marginais, que deveriam ser presos.

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 10

Observe o quadro:

Apesar de não possuírem o mínimo de dignidade, conseguem sobreviver e trilhar o caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria.

Identifique a ideia expressa pela conjunção “Apesar de” e assinale a alternativa que apresenta a melhor reescritura do trecho, pois mantém seu sentido original.

- (a) Conseguem sobreviver e trilhar o caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria porque não possuem o mínimo de dignidade.
- (b) Conseguem sobreviver e trilhar o caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria mesmo não possuindo o mínimo de dignidade.
- (c) Como não possuem o mínimo de dignidade, conseguem sobreviver e trilhar o caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria.
- (d) Ao passo que não possuem o mínimo de dignidade, conseguem sobreviver e trilhar o caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria.
- (e) Conseguem sobreviver e trilhar o caminho longínquo marcado de mais tristeza do que alegria para não possuírem o mínimo de dignidade.